

Boletim da GEDEC - Ano VI nº 037 26/09/2011 - Fone: 3340 3081

Cotação de Preços (26/09/11)	R\$	Recortes
Feijão Carioca ¹ - R\$ 90,00 a R\$ 100,00/ sc de 60 kg	→	<p>Confinamento de bois deve crescer no futuro</p> <p>O confinamento de bois no Brasil deve se estabilizar no curto prazo e crescer bastante em um horizonte mais longo. Foi o que disse o professor Dante Pazzanese Lanna, da Universidade de São Paulo (USP), numa das mais concorridas palestras do Fórum Internacional de Estudos Estratégicos para Desenvolvimento Agropecuário e Respeito ao Clima (Feed 2011), em São Paulo.</p> <p>O Brasil produz perto de 2 milhões de cabeças acabadas em sistema fechado (confinado) ao ano. No total, abate mais de 40 milhões de cabeças. “Mas a qualidade desta carne é alta, o gado é mais pesado e é um nicho que gira cerca de US\$ 3 bilhões ao ano.” Segundo Pazzanese, os Estados Unidos confinam mais de 95% do gado abatido, enquanto a Argentina, que outrora alimentava a boiada com o capim excelente que brota por lá, hoje está confinando cerca de 60% das reses que vão para o gancho dos frigoríficos. Pazzanese entende que tanto os EUA como a Argentina não vão ter mais espaço para incrementar a oferta de carne diante do consumo que irá crescer substantivamente nos próximos anos, impulsionado pela melhoria de renda nos países emergentes. “À medida que, no Brasil, o cerco sobre o desmatamento se fechar cada vez mais, e isso é irreversível, o sistema de confinamento irá crescer.” Mas ainda há muita área degradada para o boi de capim brasileiro ser produzido.</p> <p>Num cenário de incremento do consumo e consequente aumento no preço da carne, Pazzanese acredita que “os pobres vão perder”. “Os ricos vão querer comer mais. Além disso, tem a questão dos biocombustíveis, os quais usarão cada vez mais grãos, como o milho, que alimentam os animais.”</p> <p>O que ficou evidente nos debates do fórum é que a questão ambiental está unindo frigoríficos, pecuaristas e estudiosos. “As exigências e a vigilância crescem e não dá mais para encarar a questão solitariamente”, afirma Mauricio Nogueira, analista do mercado agropecuário.</p> <p>Fonte: Globo Rural</p>
Milho ² - R\$ 27,00 / sc de 60 kg	↓	
Soja ² - R\$ 47,00 / sc de 60 kg	↓	
HORTALICAS³ (Preço líquido pago ao produtor)		
Alface - R\$ 5,00 / cx de 7 kg	→	
Beterraba - R\$ 15,00/ cx 20 kg	→	
Cenoura - R\$ 15,00 / cx 20 kg	→	
Chuchu - R\$ 35,00 / cx 20 kg	→	
Couve Manteiga - R\$ 0,50 / (maço 500 g)	→	
Couve Flor - R\$ 15,00 / Dz	→	
Mandioca - R\$ 18,00 / cx 20 kg	→	
Morango - R\$ 4,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)	→	
Pimentão - Campo R\$ 12,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg	→	
Quiabo - R\$ 32,00 / cx 12 a 14 kg	→	
Repolho - R\$ 10,00 / sc 20 kg	→	
Tomate - R\$ 38,00 / cx 20 kg	↑	
FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)		
Goiaba - R\$ 32,00/ cx 20 kg	→	
Maracujá - R\$ 3,00 / kg	→	
Tangerina Ponkan - R\$ xxx/ cx 20 kg	xx	
Limão - R\$ 35,00 / cx 20 kg	→	
PECUÁRIA		
Bovino		
Arroba ⁴ - R\$ 88,00 Não Rastreado e R\$ xxxx Rastreado	→	
Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelorados) ⁵		
- R\$ 680,00 a R\$ 730,00	→	
Leite		
Litro ⁶ - Pro-Leite:R\$ 0,80 ; Fora do Pro-leite:R\$ xxx	→	
Extra Cota: R\$ xxx Frete: R\$ 0,07/L		
Suínio ⁷ - Vivo		
Kg - R\$ 2,93	↑	
Aves⁷ - Frango Vivo		
Kg - R\$ 1,90	↓	
-- Galinha Caípira ⁸		
Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 30,00	→	
Carneiro⁹		
Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,50; Kg R\$ 2,50		
ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 6,80	→	
Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)		
Kg - R\$ xxx	xx	
Avestruz¹¹ - vivo		
Kg - R\$ xxx	xx	

FONTES: 1 CORREPAR; 2 COOPA-DF; 3 CEASA-DF; 4 AFE / FNP; 5 SR EZIO - Padre Bernardo; 6 COPAS; 7 ASA ALIMENTOS; 8 CHAC . FELICIDADE; 9 LM; 10 SAN FISH; 11 COCPLAC (p/Associado). **Varição em relação à semana anterior** ↑ (alta) → (estável) ↓ (baixa) xx (sem informação)

(*) Não incluso Frete + Imposto

Turbulências financeiras voltam a derrubar preços dos grãos

Mais uma vez as turbulências financeiras "derrotaram" os fundamentos de oferta e demanda e derrubaram as cotações dos principais grãos na quinta-feira na bolsa de Chicago. Ainda que as incertezas irradiadas das rachaduras nas contas americanas e da crise das dívidas em países europeus de fato suscitem dúvidas sobre o futuro da demanda global por commodities, foi a fuga de grandes fundos de investimentos em direção a outras aplicações de menor risco que determinou as quedas, segundo analistas consultados por agências internacionais.

Dos três grãos de maior liquidez em Chicago, o trigo superou milho e soja e foi o que registrou maiores perdas. Os contratos futuros do cereal com vencimento em dezembro deste ano - que atualmente ocupam a segunda posição de entrega, normalmente a mais negociada - registraram baixa de 18,75 centavos de dólar e encerraram a sessão a US\$ 7,3925 por bushel (medida equivalente a 27,2 quilos).

Em meio às turbulências financeiras no mundo desenvolvido, passou praticamente despercebida a revisão para baixo da estimativa do governo da Argentina para a área plantada de trigo do país na safra 2011/12. A estimativa oficial passou de 4,7 milhões para 4,5 milhões de hectares. Ainda assim haverá crescimento em relação ao ciclo 2010/11, agora de 2,9%. A notícia é particularmente importante para o Brasil. Um dos maiores importadores de trigo do mundo, o país costuma cobrir grande parte de sua demanda doméstica com trigo da Argentina, um dos grandes exportadores.

No mercado de milho em Chicago, os contratos de segunda posição de entrega (dezembro) recuaram 12,50 centavos de dólar e fecharam a US\$ 7,13 por bushel (25,2 quilos) na quinta-feira. No caso da soja, a segunda posição (novembro) fechou a US\$ 13,61 por bushel (27,2 quilos), em baixa de 5,75 centavos de dólar. A queda da soja foi menor por conta das adversidades climáticas em regiões produtoras americanas.

Conforme analistas baseados em Chicago, é grande a possibilidade de que o clima seco em áreas do Meio-Oeste reduza a atual safra do país, maior produtor e exportador mundial da oleaginosa, à frente do Brasil. Agosto, lembraram, é o mês em que as lavouras dos EUA estão mais suscetíveis a esse tipo de intempérie.

Fonte: Valor Econômico